

# FADINHA

(CONCLUSÃO)

O moço foi bem recebido por D. Firmina, não porque despertasse no coração desta senhora nenhuma nuga de gratidão, mas porque ia auxiliar a no penoso trabalho de assistir a enferma.

E, realmente, nunca houve enfermeiro tão dedicado nem tão vigilante.

A molesta conservou durante muitos dias—dias angustiosos e terríveis—um caracter de excessiva gravidade; durante longo tempo, Fadinha, que estava com todo o corpo cruelmente invadido pela medonha erupção, teve a existência por um fio.

O velho medico desanimara completamente, e era por habito, só por habito que repetia o fatigado estribilho: «Não e nada... não ha de ser nada...»

Entretanto, os cuidados da sciencia e a sciencia dos cuidados triumpharam do mal, e Fadinha ficou boa, completamente boa, depois de estar suspensa entre a vida e a morte.

Ficou boa, mas desfigurada. A moça mais bonita do Rio de Janeiro transformara-se n'um monstro. Aquelle rosto entumecido e esburacado não conservava nada, absolutamente nada da belleza celebre de outr'ora.

Ella, que tinha, aliás, o direito de ser vaidosa, consolou-se, vendo que o amor do Remigio, longe de enfraquecer, crescerá, fortalecido pelo espectáculo do seu martyrio.

A mãe, comquanto insensível aos bons sentimentos, não pôde disfarçar a admiração e o prazer que o moço lhe causou no dia em que lhe pediu a filha em casamento, dizendo:

— Só havia um obstáculo à nossa felicidade era a formosura de Fadinha. Agora, que esse obstáculo desapareceu, espero que a sua, não se opponha a um casamento que era o desejo do seu marido.

Realizou-se o casamento. D. Firmina, desprovida sempre de todo o senso moral, entendeu que devia ser aproveitado o rico enxoval oferecido pelo primeiro noivo; Remigio, porém, teve o cuidado de fazer com que o restituisse ao barão de Moreira.

A cerimonia effectou-se, com toda a simplicidade, na matriz do Engenho-Novo.

Um anno depois do casamento, Fadinha estava outra vez bonita, não da boniteza irradiante e espectacular de outr'ora, mas, enfim, com um semblante agradável, o quanto basta para regalar dos olhos enamorados do esposo. Remigio a todo o momento dizia que a achava mais bella assim, e que os signaes das hezugas lhe davam até certa graça, que d'antes lhe faltava.

Minha mulher não e bella que me inquiete nem feia que me repugne. E que o fosse! — quem o feio ama, bonito lhe parece. Era assim que eu a desejava.

O caso é que foram ambos muito felizes. Ainda vivem. Remigio é actualmente um alto funcionario, pai de cinco filhos perfeitamente educados.

O Alexandre, que teve sempre a protecção do cunhado, foi ao Amazonas procurar fortuna e lá ficou. O talento da

família formou-se e urrasta melancolicamente por esse ruio a sua medioeridade e o seu pergaminho. O outro filho de D. Firmina ainda hoje é caixeiro.

A velha falleceu ha 15 annos, sem deixar saudades a ninguém, e se os leitores têm curiosidade em saber do paradeiro dos demais figurantes desta verdadeira historia, acrescentarei que o barão de Moreira também morreu, solteiro, sem ter aproveitado o enxoval que mandou buscar para Fadinha, e que o Pimenta, depois de ter adquirido, no famoso Encilhamento, uma riqueza que os amigos calculavam em milhares de contos de réis, perdeu tudo e fez-se outra vez bohemio, vivendo, como d'antes, de expedientes. Esta velha e deu para beber.

A. A.

# VERSÃO

(Julio Valdeleomar)

Das minhas horas tranquillas  
Consiste o supremo gozo  
Renovar o cêo formoso  
das tuas negras pupilas.

Nada me pôde causar  
Tão grande ventura, flor,  
Como o tepido calor  
Que me vem do teu olhar.

Minas—Maio—1901.

BELMIRO DEAGUA.

# NINON DE LENCLOS

escurneia da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e q'ella, atirando sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que riscava á carão Tempo, cuja foibe embotava-se sobre sua oncentuladora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verdeiramente vin-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine diziu das avas. Este segredo, que a celebre egoista fazeira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leonide entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des Angles*, de Bussey-Falatin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LAFONTRE, Rue du 4-Septembre, 17A Paris.**

Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

## DUVET DE NINON

pó de arroz especiál e refrigerante;

## Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

## LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

## LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

## SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

## LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir o verficor o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

# PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

## MÃO DE PAPA

de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrói as frieiras e as rachas.

## UM NARIZ PICADO

de pequenas borbulhas ou com travos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e muito contrafeito.  
CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES  
Para ser bella, encantar todos, o rosto leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

## POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corrallos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins da Mont-Majella**, que também impede que caíam e que ficam brancos.  
E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

## NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados e as unhas embranquecidas com o **Elixir dentifrice des Benedictins da Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

# CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós committam ao rosto uma macarvilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe converha ao rosto.

# PATE AGNEL

Amygdalina e Glicerina

Este excellento Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cleiro. Irritações e Comichões tornando-a apelludada; pelo que respecta as mãos, dá salde e transparencia ás unhas.

**AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.**

Em suas lojas e lojas de venda por muito mais baratos, mais ricos de Paris

# Racahout DELANGRENIER



## Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier e o

## Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

# L.T. PIVER

PARIS

## Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

## Le Tréfle Incarnat

Perfume do Modas

## Rosiris

## Senteur des Prairies

## Violettes de Parme

## Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

# HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

## AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.  
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Penn d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moiki, Muguet, Clitel Russe, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cam de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rucova.

SABONETES: Ophelia, Penn d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thridaer, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

## PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Crepusculo.

## Secção Musical da

## A ESTAÇÃO

Conforme avisamos aos nossos prezados assinantes e leitores na *A Estação* de 31 de Maio proximo passado, temos o prazer de offercer-lhes com o presente numero a bonita polka, para piano **Nonora**; esperamos que á todos agradará.

A REDACÇÃO.



## HENRIQUE LOMBAERTS

No dia 9 do corrente completaram-se 4 annos que desapareceu, ferido pela morte, o grande amigo, o saudoso chefe, cujo nome serve de epigraphe a estas linhas, e figura ainda na tableta desia casa como um labaro de estímulo e de honra.

Cada anno que corre sobre tão doloroso luto, longe de apagar, avigora e fortalece em nossos corações a memoria sagrada do fundador da *Estação*, em cujo exemplo procuramos ainda hoje a norma que nos conduz na ardua tarefa de conservar e accrescentar a sua obra.

HENRIQUE LOMBAERTS é um nome que vale uma divisa.

A. LAVIGNASSE FILHO &amp; C

15 de Junho de 1901.



## Recordações

A MINHA TERRA

Minha terra é alem, banha se ufana nas aguas do Uruguay.

Vogae, vogae p'ra o sul, passae alem do Prata, subi as azuladas e serenas aguas do famoso Uruguay, e lá en-

contrareis a sentinella avançada da defeza patria: a bella Uruguayana!

Pedaço da legendaria terra dos Farrapos, ella representa a praça de guerra da vanguarda daquelle torrao querido, vigiando sempre no mesmo tempo as duas republicas do Prata: Uruguay e Argentina!

Situada poeticamente sobre uma verdejante collina, ella assenta graciosa á beira das tranquillas aguas que deslisando manso e brando, vão beijar-lhe a praia.

Lá o horizonte é sempre vasto, dilata-se, té onde a vista alcança!

Suas noites de luar têm meigo encanto: serenas e praleadas, trazem á alma um bem estar estranho, contemplativo, que arrebatá l...

A cidade formada quasi que em quadrado, apresenta as suas hndas e largas ruas parallelas desafogadamente aos caminhantes.

Pois lá naquelle recanto do Rio Grande foi meu berço nativo que agora estou-o revendo com saudade, com os olhos da imaginação que nem distancia nem tempo os cegar podem!

---

O' terra do meu berço, d'aqui d'estas paragens tão longiquas ouve minhas vozes que te leva o vento; ouve e as escuta attentamente, são brados de nostalgicos queixumes dispersos pelo ar, feitos saudades!

J. JACOB.

Rio, 27 5-1901.



## A flor azul

A flor azul pendia murcha: e agora

Eil-a outra vez erguida

Na haste, a sorrir, cheirosa e fresca e bella.

Que nume, com o aroma e a cor, a vida

Lhe deu, de novo? A aurora?

A brisa? O orvalho? A luz?

— Não! Foi aquella

Pallida nympha, cujo olhar choroso

Na flor pousara, ha pouco;— da saphira

D'esse olhar, na do calice oloroso,

Uma lagrima tremula cahira. .

R. CORREA

## DUAS EPOCHAS

---

Amava-a muito, e a perfida sorria  
Zombando desse amor immaculado,  
Que n'alma do poeta enamorado  
Era um conforto á sua dôr sombria.

Com a lamina pungente da ironia,  
Ou cuspidno um ultraje meditado,  
Lhe torturava o coração, erivado  
De myriades de setlas de agonia.

Porém o tempo passa. Morre o amor  
Do poeta; aquelle affecto puro, ardente,  
Cresta-se ao sol mortifero da dor.

No entanto ella mudou. Ama-o agora  
Mas elle desse amor zomba contente,  
Emquanto triste - ella soluça e chora.

(Das «Libellulas»)

OSCAR D'ALVA.



## Conservação do peixe

Na Hollanda e na Allemanha empregam-se, para conservar o peixe as precauções seguintes: Sangra-se o peixe logo depois de o pescar. Corta-se-lhe a arteria que conduz o sangue as guelras, arrancam se lhe estas e depois lava se e raspa se-lhe muito bem a pelle para lhe tirar todo o humor viscoso que a cobre. Está demonstrado que o sangue e este humor são os dous principaes agentes que determinam a corrupção da carne do peixe. Assim tratado o peixe ficará com uma carne branca e saborosa que se conserva duas vezes mais tempo que a dos peixes que não hajam, sido sangrados e lavados. É a esta preparação que os arenques de Empdem devem a reputação de que gosam entre os gastronomos. Com estas precauções pode-se conservar o peixe em bom estado durante muitos dias. Mas sendo calido o clima no norte, do Brazil, os resultados só serão proveitosos nos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul.



Familia de cães rasteiros.



## A CASACA

— —

Abriu S. Carlos e, desde que aconteceu isso, toda a gente se julga mais elegante.

Que, a bem dizer, a elegancia não é outra coisa senão um snob de vaidade individual.

Tal julga-se bello, gentil, distincto.

Vão lá dizer-lhe o que os outros pensam a seu respeito que parece um carrapato a andar!

Não os acreditará.

Aquell'outro tem a illusão de que, não sendo bonito, é sympathico e que, principalmente, ninguém o poderá exceder jamais em dizer ás damas coisas galantes.

Chamem-lhe tolo, porque é de nascença, e verão que reponta.

Alguma dama presume-se o *non plus ultra* da belleza—sobretudo depois de pintada.

Seus labios de coral, suas faces leite e rosa, seus negros supercilios, seus braços de jaspe chegam deante do espelho, a dar-lhe a impressão de serem realmente verdadeiros.

Toda a gente es engulirá, julga ella.

Entra em S. Carlos, espalha o aroma de suas finas tintas, deixa cair sobre a platéa um olhar altivo de Cambourgnac victorioso, e logo toda a gente começa a pensar que aquella linda dama acaba de chegar do interior.

Outra, de certo, deverá existir, reconhece ter o segredo de saber conversar nos intervallos. Enfia missangas de espirito, alimenta o dialogo, e cultiva o *fini*.

Devem passar-se na sua presença uns momentos deliciosos.

Mas, á sahida do camarote, veem dizendo os que lá posaram em visita. Está cada vez mais secante!

Ha um codigo de civilidade; não o ha nem pôde haver, de elegancia.

E, á falta de principios e preceitos que regulem a materia, cada qual vae phantasiando ser elegante a seu modo.

Não se aprende, não se estuda, não se chega a ser distincto por tirocinio—como na vida militar.

Se se não nasceu fadado para o ser, attinge-se o ridiculo da caricatura. Ser ou não ser: eis a questão. O Manoel Brown, de sobrecasaca preta e calças á hussard, mettia n'um chinello todas as casacas do seu tempo.

Que, diga-se a verdade, as casacas estão sendo nos espectaculos uma convenção para disfarçar a carencia de distincção pessoal.

Os grandes *dilettanti* de S. Carlos, que deixaram lenda, jamais vestiram casaca para ir ao theatro: nem o marquez de Niza, nem o Vaz de Carvalho, nem os outros de igual cotação.

Piavam de si mesmos, do seu bom ar, do seu aprumo correcto, para se imporem aos espectadores e aos artistas.

Agora, cada um que deseja ser elegante—pelo menos parecer-o—carrega a mão nos trunfos: casaca, monoculo, flor.

E ahí vae elle, ahí entra elle, ahí olha elle parecendo dizer *urbi et orbi*: «Sou um homem distincto».

Pois fizeram-se com menos fogo, e assentaram vasa os *leites* d'outro tempo.

A casaca era então a ultima palavra da solemnidade na vida social. Para chegar á presença de Deus, na mesa da communhão, no lausperenne das Endoçças e na viagem da eternidade, era indispensavel vestil a.

Reservava-se para as quatro festas do anno e para o primeiro passeio, *jos mortem*, pelos Campos Elyseos.

Os actores viam-na a pouco e não sabiam, por isso, copiar as.

So um, dos grandes que tivemos, a soube vestil por instincto: era o Tasso.

A rainha D. Maria II achava-o tão distincto, talvez por isso mesmo, que costumava dizer quando se fallava de actores portuguezes:

— Como o meu Tasso não ha outro.

Está ainda vivo o bom velho que tantas vezes me tem repetido isto.

Vinham actores estrangeiros, amados em celebridades, e sua magestade a rainha voltava do theatro sem grandes entusiasmos.

— Então, minha senhora, vossa magestade gostou?

— Não desbanca o meu Tasso, respondia a rainha.

Em reu a Sra. D. Maria II nesta fé de rainha portugueza: que não havia actor mais distincto, em parte alguma, do que o seu o nosso Tasso.

Nem houve.

Estou a vel o, distincto de casaca ou sem ella, indifferentemente, porque era sempre distincto.

Sua *loiselle* habitual era de preto, sobrecasaca e calça mais estreita do que larga, chapéo alto muito lustroso, bota de polimento, *falelot* alvadio, luva cor de garrafa.

Perguntava-se na rua, ao vel o: «Quem é este homem.»

Uma vez, sendo eu estudante, foi ao Porto a companhia do Theatro Normal, que era nesse tempo um viveiro de celebridades, masculinas e femininas.

Havia o Tasso, o Santos Pitorra, o Rosa pai, o Sargedas, o Theodorico, a Manueli Rei, a Emilia Adelaide e não sei quem mais.

Mas não era preciso mais ninguém.

O publico do Porto, pouco habituado a theatro de declamação, ficou como estonteado, no primeiro momento, deante da sobriedade artistica do Tasso.

Não o comprehendeu, nem gostou muito.

No *jornal do Porto*, onde eu fiz as minhas primeiras armas jornalisticas, atiraram-me, talvez para experientiar-me, á ardua tarefa de escrever uma noticia sobre a estrêa da companhia.

Vim doido de enthusiasmo pelo Tasso e pelo Santos, que depois foram meus amigos emquanto viveram.

Disse no jornal, com aquella exuberancia de estylo com que os novos costumam dizer tudo.

Mas fiquei dolorosamente surprehendido ao vêr que todos os outros jornaes punham restricções no seu applauso ao Tasso.

Hoje ficaria contente.

Uma vez disse me Camillo:

— Eu d'antes, quando não entendi o que estava lendo, julgava que o tolo era eu.

— E agora? perguntei.

— Agora julgo que o tolo é o que escreveu.

Adoptei este principio, e tenho-me dado bem com elle: ainda não me falhou.

Agora tambem eu ficaria capacitado de ser o unico que desde logo dissera toda a verdade a respeito do Tasso.

Mas n'aquelle tempo não me aconteceu isso.

Por volta das duas horas da tarde do dia seguinte estava o dono do jornal, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, bom burguez da rua dos Caldeiros, sentado á banca da redacção. Eu trabalhava a seu lado, abafando no desgosto de ter errado a respeito do Tasso.

Ouviram-se ranger umas botas na escada. D'ali a nada assomou á porta um homem alto, desempenado, de *falelot* alvadio.

Cruz Coutinho, que não era homem de theatros, não o conheceu.

Ficou perplexo, sem saber se estava fallando a um principe ou a um actor.

— Venho aqui, disse Tasso, agradecer as palavras amaveis que este jornal me dirigiu hoje, tanto mais que nem todos os jornaes do Porto me trataram com igual benevolencia. Desejaria poder apertar a mão ao auctor da noticia.

Cruz Coutinho, mais reposto da primeira surpresa indicou-me dizendo:

— Aqui está o auctor da noticia.

Tasso sacudi a cabeça, afirmou o olhar, estendeu-me a mão sem allizez nem baixosa e exclamou:

— Não esperava encontrar uma criança. Dou-me bem com os moços...

E, suspendendo-se, por ter certamente feito maior

reparo nos cabellos brancos de Cruz Coutinho, accrescentou gentilmente: ... Quando elles trabalham ao lado dos vellos.

O que é certo é que o Tasso, como elle me contou mais tarde, tinha passado um dia muito aborrecido por causa das criticas dos jornaes.

Era sensibilissimo ás durezas de qualquer noticia a seu respeito.

Corria os botequinhos, pegava no jornal que o maltratava, disfarçadamente o mettia na algebeira, dizendo com os seus botões, n'um monologo muito intimo:

— E' menos um.

Pois o Tasso, apezar de se chamar Joaquim José—que é tudo o que ha de mais pitto em nomes—foi um grande actor, tão completo—que até sabia vestil uma casaca.

Hoje toda a gente presume saber vestil-a e deitar a elegancia, que cada um julga ter, nas noites de S. Carlos.

Na manhã seguinte lá vão correndo para o emprego, para a repartição ou para o escriptorio, sem que da casaca da vespera fique a menor recordação—para elles ou para os outros.

S. Carlos: um inverno de casaca; mais nada.

Nem os grandes cantores, nem os grandes *leões*, nem os grandes *partidos* d'outros tempos.

A casaca, apenas. E é tão pouco! Se até a vestem os criados por convenção...

ALBERTO PIMENTEL.

## DOLOROSA

Eil os que ahí vem vagarosamente pela tortuca estrada que alveja aos poucos, pela montanha fora. Rostos curiosos espreitam pelas portas e pelas janelas dos cascos, todos com um ar de festa.

São já conhecidos na aldeia elle é um pobre cego, ella uma mulher ainda na flor da idade. Como n'á mais annos, quando o interno chega, elle traz um lenço atado na cabeça sob um velbo e remendado chapéo. A sua capa—a individavel companheira daquelle velhice infeliz, ainda é a mesma e vem toda branquinha como neve que vem cahindo ha dias; ella, o facto dos mais annos remendado e limpo...

\* \*

Aquelles dois artistas vem chorando nos seus instrumentos o maior grito de dor, o maior rosario de lagrimas que o bom povo portuguez tem inventado—o Fado.

Que dulcissima musica aquella!... Umaz vezes, corre serena e mansa, com uma ingenua loz rezada em tardes de maio; outras como desmoronar de um castello de illusões, musica que entra na alma e fica como as reminiscencias de uma peregrina ballada que se ouviu quando n'ella tudo eram rosas a florir sob o luar doce e nostalgico de um sonho encantado...

Põe-me lagrimas nos olhos essa musica, e é com sentida magua que lembro que este heroico povo, que escreveu os Lusíadas declina no tumulo chorando seu fado.

Triste destino este!

\* \*

O par vem andando, estrada abaixo. Todas as portas risoiadamente se lhe abrem neste maguado dia, que vagamente, nos traz a lembrança dessas tardes hilandezas com o seu sol pallido a illuminar os melancholicos lagos, emquanto, nas collinas, os rebanos pastam e as pastoras—ingenuas como uma sonata desse doce scandinavo Griég—cantam em ternecedoras canções de amor...

Todas as portas que se lhe abrem num terno beijo de luz e o pobre velho ea paga faz com que a sua tabeca lhes diga quanta a infelicidade de um pae e de uma filha, que, como ellas num tempo que já vae longe e naquelle dia, num lar, feliz como poucos se reuniam a lazeira á lembrar uma meiga eriança a que, tradicionalmente davam o doce nome de Jesus.

\* \*

Param á minha porta. Aquelles dois entes attrahem-me. Ha muito ja num velho e pergaminhoso *Flus Sacerdotum*, li que «infelizes com infelizes», e assim é. E quedo-me a ouvir toda aquella tocante epopeia de lagrimas que o infeliz velho faz chorar a sua tabeca. O arco mança-o elle febrilmente, nervosamente... Nas orbitas dos olhos fazem apagaos. De tempos a tempos estremeem, e lagrimas attentuosas sulcam aquella veneranda face estigma tizada pela desventura.

Choro com o pobre velho e pergunto-lhe a intima causa daquellas lagrimas e, enquanto a sua companheira foi buscar a cachaça que do outro lado da estrada lhe davam, contou-me elle que, num outro tempo tambem tivera um lar feliz e que naquelle santo dia ninguém passara pela sua porta que não

partilhasse da felicidade daquelle lar. Mas que, de pressa, como o dizem as paginas biblicas, tudo desaparecera como os vapores fumos de um solho: e a sua felicidade juntamente com a sua saudosa companheira sumira numa sepultura que ainda hoje existe numa aldeia ignorada e distante... e que, para esquecer toda aquella desgraça fazendo-se acompanhar da filha que era ainda pequenina errava de terra em terra a chorar um bem perdido que nunca mais, oh! nunca mais!... tornaria a achar...

E o par muito unido por causa do frio que faz neste crepusculo de Dezembro, já vai.

... E o ancio, com uns tristes presagios na mente, diz adeus a todos, aos bons velhos, ás creanças e ao santo velhinho do prior—adeus que é uma bênção... e, pela estrada abaixo, num lacrimoso adeus, faz com que a sua velha rabeca nos diga quanta a felicidade de um bem perdido que se procura sem nunca se encontrar...

GONCALVES DIAS.

# As tres filhas

A ventura verdadeira  
Vive a sombra hospitaleira  
Da casinha de sapo.

PAGUNDES VARELLA.

I

O commendador Guilherme de Macedo enriquecera no commercio de assucar e aguardente e, como todos os mediores un dia apatcados, imaginou que tinha o rei na barriça.

Suas tres filhas, medianamente instruidas, seduziam, na verdade, os rapazes, mais por sua formosura e mocidade do que pela sua fortuna; mas os pretendentes, na maioria estudantes e empregados do commercio, eram repellidos pelo velho como as aranhas pela vassoura de uma boa dona de casa.

Amelia, a mais velha, agradou a um engenheiro formado, filho de fazendeiro paulista, casou-se logo e o commendador não discutiu despezas. Fez tudo com luxo e esplendor.

Amelia e seu marido foram habitar uma bella chacara no Andaraby.

Theodora, a mais franzina e a mais elegante das tres irmãs subjugou um medico muito bonito de rosto, inuito correcto de vestuario e em muito bom principio de clinica.

Foi habitar o Cattete e viver a mais ruidosa das existencias. So o seu enxoval custou na Notre-Dame dez contos de réis, que o commendador pagou a vista.

Helena tinha ficado so e sendo a mais formosa das tres não se pôde queixar da sorte.

Foi pretendida por um advogado, doutor de bórta e capello; depois por um commedante de fazendas por atacado, depois por um estudante de medicina; e finalmente por um guarda livros honrado, raridade bem preciosa.

A todos recusou, fazendo o desespero de seu pae. — Então, com todos os diabos lhe dizia o commendador, queres morrer tia? Não amas ninguém no mundo?

— E' porque eu amo alguém que tenho recusado a esses—disse a formosa morena.

— Amas! A quem?

— A um operario, meu pae. E como sei que o desgosto, prefiro soffrer.

— Um operario, tu! Nem me tornes a fallar nisso!

Doas lagrimas responderam á sentença e Helena retirou-se para meditar na solidão de sua alcova.

II

— Que me quer o senhor? Quem é o senhor? perguntava o commendador dias depois a um importuno visitante.

— Sr. commendador! Eu venho pedir a V. Ex. a mão de sua filha Helena. Sou um pobre operario mas posso garantir-lhe que muito dignamente...

— Tá... tá... tá! Não perca tempo... ponha se já na rua...

— V. Ex. não tem razão em insultar me...

— Estou em minha casa; não tenho que lhe dar satisfações!

III

Algun tempo depois era o commendador citado para dar as razões porque se oppunha ao casamento da filha; e vendo que no terreno judicial nada alcançaria a seu favor, cedeu.

— Está bem, filha desnaturna. Queres ser feliz ao prego da felicidade de teu pae. Seja. Segue o teu destino. Quando a desgraça e a miseria se sentarem á porta do teu lar, lembra-te bem do soffrimento que me causas agora. O que tens a esperar? A grosseira — dos costumes, o pão negro, a filharada nua, o marido na taberna, a syphilis a desgraça emfim. Mas vá, vá, que assim o quizeses!

O casamento de Helena se fez sem pompa. Um jantar modesto foi a honrença do commendador a sua riqueza para evitar murmurações.

Mas farioso com tal casamento e vendo-se só, foi para a Europa com o fim de passar em Paris alguns annos de vida mundana em completa liberdade.

IV

Para quem já foi pae fica sempre existindo no coração uma fibra amorosa, ainda que a brutalidade, coroa dourada da ignorancia, tenha extinto todos os seus sentimentos delicados.

No fim de um quinquennio, o commendador sentiu o cansaço produzido pelo gozo intelligente e teve o delirioso punjer de verberar espíritos como Almeida Garrett chamou a sanidade.

Voltou pois ao Rio de Janeiro a procurar as suas duas filhas obedientes.

Na chacara do Andaraby não encontrou Amelia, a linda Amelia, mas o aspecto de Amelia, livida, de olhos encovados e cheios de lagrimas.

— Estas doente? Que tens? Que é de teu marido?

— Não estou doente; soffro. Meu marido abandonou me por uma cantora italiana. Deve estar agora em Florença.

— Rapaziada! atreveu-se a dizer o commendador mas sem amargurado vendo verdadeira desgraça onde elle suscitava perpetua ventura.

Foi procurar a Theodora, a elegante, Não a encontrou.

Abandonara o lar onde deixara duas filhas e fugira para Paris com um medico, seu amante.

O commendador ficou estupefacto.

As suas duas filhas! Tão bem casadas! Tão desgraçadas!

Talvez era procurar a terceira: a desgraça, com certeza, já devia tê-la colhido em seus redes.

Comtudo, arrastado por desconhecido impulso, foi procurá-la.

Helena morava em uma casinha de porta e janella, em uma rua de um dos arrabaldes longínquos.

Ao aproximar-se do prédio cujo numero lhe haviam designado viu um jardiminho lindamente tratado e ouviu um toque de flauta.

— Não; aqui não pode ser, disse elle. Mas a exactidão do numero protestava. Chegou-se mais e bateu.

A flauta calou-se. O flautista veio abrir trazendo ainda o instrumento na mão.

Um lampejo de kerosene com a sua luz forte esclarecia esta scena:

Helena tinha unido ao seio o rostinho moreno de uma pequena filha que sugava com valentia es elementos da vida, levantando a perninha cheia de vincos nos tecidos gordos para poder agarrar o pé com a mão que lhe ficava livre.

Ao pé, um filho seu, de tres annos de idade, sentado em uma cadeirinha alta, garatujava com um lapis—fazia os retratos da familia—soltando alegres risadinhas que lhe faziam mais tantas as covinhas das faces.

Diante de si tinha Helena aberto Paulo e Virginia esse eterno poema de amor puro.

Movels pobres e assediados davam á sala um aspecto de repouso e de felicidade que era de immediata applicação.

O commendador, já roído pelo remorso e convencido d'aquella real ventura traduzida nessa paz respeitosa que so pode reinar onde existem corações que se amam, apellou no fimiar.

— Perdão, minha Helena!

O operario e sua esposa ajudaram-no a levantar-se, abraçaram-no, beijaram-no em ambas as faces, fizeram-no sentar em uma cadeira e puzeram-lhe u s braços a netinha e entre os joelhos o louro neto.

Chorando pela primeira vez sinceramente porque o seu coração estava cheio de maguas, soluçou abraçado aos netos, recebendo a mais proveitosa lição para os seus preconceitos sociais.

E foi á custa de muitos beijos e caricias que elle deixou por fim de murmurar n'aquelle pobre unho de amor e de ventura:

— Perdão, minha Helena!

Niteroy, 1901.

A. AZAMOR.

## Parabula

Havia um homem a quem uma dolorosa chaga, que tinha em uma das suas pernas, o trazia em grande tristeza e desgosto da vida.

E tal era o estado d'essa chaga que elle nem já a occultava a vista dos outros.

Havia tambem um miseravel e humilde cão abandonado, que por ser demasiado inauso e destituido de garbo e elegancia, ninguém o acolhia, antes todos o repelliam quando elle amorosamente se aproximava a offerecer o seu carinho.

Um dia em que o homem chagado expunha ao ar a sua chaga, aconteceu aproximar-se d'elle o pobre cão, e com a sua habitual humildade amorosa, como que se lhe offereceu para lhe lambor a ferida.

Não ignorando que a saliva des cães tem virtude curativa de ulceras rebeldes ao tratamento therapeutico, o homem deixou que o miseravel cão lhe limpasse a chaga com a humidade da sua lingua caridosa.

Sentindo-se refrigerado na sua dor, então o chagado fez com a mão um reconhecido affeo ao pobre cão, que ao ver-se assim acariciado, cheio de gratidão, redobrou de boa vontade na limpeza da ferida que assim o fizera alcançar a esmolta de um affeo.

O grande affeo que o chagado recebeu do bemfazejo animal, tornou-o tolerante para com este, e no interesse de ser emfim curado, consentiu que o miseravel cão se deitasse a seu lado, e o abrigava para que elle se não ausentasse.

O desventurado animalajo, crendo ter, afinal, encontrado uma creatura bondosa que, compadecida da sua humildade, o acolhia e utilisava com boa vontade, cada vez mais grato e amoroso lhe limpava a ferida, sentindo-se feliz por lhe prestar o bom serviço de lhe curar.

E a tanto chegou o amor que sentiu pelo seu affagador, que a chaga desapareceu sob o solícito tratamento da lingua caridosa do pobre cão.

Mas nem por isso o seu amor pelo homem a quem tinha curado era menos commovido e solícito. E se já não tinha vergonha para lhe limpar, mostrava-lhe o seu affeito lambendo-lhe os sapatos.

Vendo-se, pois, completamente liberto do mal que o entristecia e o desgostava da vida, pareceu então ao ex-chagado desnecessaria e até impertinente a amorosa solícitude do miseravel cão, e, por isso, para se desembaraçar do affeo que elle lhe causava, entrou a repellir-o com a mesma perna que lhe havia curado.

Em vão o inditoso animal, ao ver-se assim escuraçado, se punha a respeitosa distancia da perna curada, que já o repellia, a olhar lacrimoso para o dono d'essa perna como a supplicar-lhe a caridade de o deixar approximar-se-lhe.

Esta eloquencia amorosa do bemfazejo irracional, ainda mais irritava a ingratidão do beneficiado racional, que, não o pedendo já alcançar com a perna beneficiada, buscava com a mão desagradecida uma pedra para lhe arremessar!

E o miseravel e desventurado animalajo voltou á sua fatidica condição de cão abandonado e repellido!

A justiça inevitavel da Morte, porém, tão compassiva, afinal, se mostrou para com o desafortunado bemfazejo, como implacavel para com o afortunado ingrato.

E quando a consciencia d'este desperton da lethargia material do seu passamento para ver—a luz da Verdade eterna—a realidade das coisas da vida terrena, sua consciencia viu o cadaver enclenchado do miseravel cão desdobrar-se em uma alva bomba de niveas azas que abriu o voo levando no bico cor de roza um galhinho de oliveira e o foi largar sobre a cova de um cemiterio, no fundo da qual tambem viu o seu corpo ar direcção, e cujo coração se desdobrava em um negro e medonho morcego, que esvoaçava raioso na treva espessa do osseo peito que o retinha como umagaioia de que não podia escapar-se!

E foi immenso o seu horror ao contemplar esse sinistro producto sobrevivente do seu cersão ingrato!

VICTOR A. VIEIRA.

## MOLDES



Temos a satisfação de comunicar as nossas gentis assignantes e let's ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'l Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cores.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilidadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 33 - Costume com jaqueta curta,	
Sala .....	15500
Jaqueta .....	12500
N. 1 - Vestido guarnecido e em renda Guipure, Sala .....	13500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 100 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se registrou.